



PROPRIEDADE:
AASVR
EDIÇÃO: DIRECÇÃO
DA AAASVR
COORDENAÇÃO
EDITORIAL: RIBEIRO
AIRES

AAASVR

IN ITINERE Nº 12



UASP

ONTEM, HOJE E AMANHÃ

8 de Novembro de 2025

O SILÊNCIO DEPOIS DE FRANCISCO

Quando o sino de São Pedro anunciou a morte do Papa Francisco, o som pareceu atravessar o mundo como um sopro que pedia silêncio. Não era apenas o fim de uma vida, mas o fechar de um tempo — um tempo em que a Igreja Católica, tantas vezes acostuada ao mármore e à distância, ousou descer às ruas e deixar-se tocar pela poeira e pela dor dos homens.

Jorge Mário Bergoglio — o jesuíta argentino que trocou o “trono” pelo simples assento de pastor — partiu como viveu: em sobriedade. Seu papado foi um gesto longo de despojamento. Desde o momento em que apareceu na sacada da Basílica de São Pedro, vestindo o branco simples, pedindo que rezassem por ele antes mesmo de abençoar o povo, o mundo soube que algo diferente começava. E começou, de facto, uma revolução feita não de decretos, mas de gestos.

Francisco falava pouco de poder e muito de misericórdia. Dizia que a Igreja era “hospital de campanha”, como quem sabe que a fé verdadeira nasce onde há feridas abertas. Caminhou entre migrantes, prisioneiros, pobres e esquecidos, levando uma palavra que, mais do que conforto, era desafio: saiam de si mesmos, toquem as chagas do mundo. Em tempos de muros, ele pregou pontes; em tempos de gritos, escolheu o diálogo.

Mas não foi um caminho sem cruzes. Enfrentou resistências dentro da própria Cúria, acusações de relativismo, incompreensões de todos os lados. A sua tentativa de aproximar a Igreja da vida real — das famílias imperfeitas, dos amores feridos, das perguntas que não cabem nas regras — despertou tanto admiração quanto desconforto. Ainda assim, permaneceu fiel à sua visão: uma Igreja pobre, serva e peregrina, que não tem medo de se sujar com a poeira do caminho.

Nas suas encíclicas, *Laudato Si’* e *Fratelli Tutti*, deixou talvez o seu testamento espiritual. Na primeira, ergueu um clamor pela terra e pelos esquecidos da economia global. Na segunda, traçou o sonho de uma humanidade reconciliada, que redescobre na fraternidade a sua forma mais profunda de fé. Em ambas, ressoa a convicção de que o Evangelho não é um monumento, mas um movimento — e que cuidar do mundo é também um ato de oração.

(Continua página 2)



Agora, diante da sua morte, o Vaticano parece respirar com mais lentidão, como quem tenta compreender a dimensão do que se viveu. Francisco não transformou apenas estruturas, mas consciências. Reensinou que santidade e humanidade não são contrárias; que a autoridade verdadeira nasce do serviço; e que a fé, quando é viva, não se encerra em templos, mas se espalha como o vento entre os pobres, os aflitos, os que ainda esperam.

O tempo julgará o seu pontificado — e, como sempre, os historiadores discutirão os seus êxitos e limites. Mas há algo que já se impõe, silencioso e nítido: sob o nome de Francisco, o papado recobrou um rosto humano. Um rosto que sorria, se cansava, duvidava e rezava. Um rosto que, ao partir, parecia ainda dizer, como em seu primeiro dia: *rezem por mim*.

E talvez essa seja a sua herança mais profunda — lembrar à Igreja, e ao mundo, que a fé não é um domínio sobre o sagrado, mas um diálogo constante entre fragilidade e esperança.

E assim permanece o seu legado espiritual: uma herança de simplicidade e coragem, de ternura e inquietação. Francisco devolveu à fé o rosto da compaixão e à Igreja o coração peregrino do Evangelho. O seu testemunho recorda que a grandeza não está nas cúpulas, mas nas mãos que se estendem; que a verdade se reconhece no amor que se oferece; e que, mesmo quando o mundo se fecha em sombras, há sempre uma luz que insiste em permanecer — aquela que nasce do gesto de quem serve. Sob o eco de sua partida, fica o convite silencioso que marcou todo o seu pontificado: caminhar juntos, como irmãos, rumo a um Deus que se revela no outro.

Domingos Costa



ENCONTRO ANUAL DE ANTIGOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE VILA REAL – 21/22 JUNHO/2025 - VILA POUCA DE AGUIAR

Depois do convívio anual do mês de maio, os antigos alunos voltaram a encontrar-se numa nova confraternização de dois dias realizada no concelho de Vila Pouca de Aguiar. As atividades, distribuídas por dois dias, consubstanciaram em momentos de carácter religioso e cultural. Assim, na tarde de dia 21, em Campo de Jales, os convivas foram recebidos pela sr^a Presidente da Câmara e visitaram o Centro



Interpretativo Mineiro. A noite, após o jantar, foi tempo de “silêncio” por houve uma sessão de fados. No dia seguinte, domingo, na Igreja Paroquial da sede do concelho, assistiu-se à celebração da eucaristia, presidida pelo Pe. António Paulo. Programa. Às 13h00, os convivas dirigiram-se ao Centro Hípico das Pedras Salgadas, onde foi servido um porco no espeto, animado por uma tuna académica da UTAD.

Esta foi, entre os antigos alunos do Seminário de Vila Real, mais uma jornada de festa, de alegria, de sã camaradagem, de espírito de grupo, de pertença, de identidade e de memória.

Semana dos Seminários

Seminário: olhar o futuro com esperança

A Semana dos Seminários decorre de 2 a 9 de novembro. É um período para fazer uma reflexão sobre esta tão importante instituição, no presente com um olhar no futuro. A este propósito Sua Excelência o Bispo da Diocese, D. António Augusto Azevedo enviou uma mensagem à diocese da qual extraímos duas partes, que transcrevemos.

Seminário: uma instituição em profunda renovação

A palavra «seminário» refere, antes de mais, a comunidade formativa constituída por aqueles que Deus chama à vida sacerdotal, os que fazem um percurso de preparação para servirem o Povo de Deus no ministério presbiteral. Os seminários sempre ocuparam um lugar central na vida da Igreja pelo que, ao longo dos tempos, têm merecido especial cuidado e atenção. De facto eles são decisivos para renovar a vida pastoral das comunidades cristãs.

Este ano a diocese de Vila Real tem cinco seminaristas maiores e mais um na fase de estagiário pastoral. Como sucede desde finais dos anos sessenta, a formação dos nossos seminaristas maiores é feita no Seminário Maior do Porto e os estudos de Teologia na Universidade Católica. Esta opção tem dado excelentes frutos pelo que deverá ter continuidade nos próximos anos.

O Seminário Menor que funcionou sempre em Vila Real não tem alunos neste novo ano tal como no anterior. Aliás, nos anos mais recentes tem tido um número residual de alunos. Esta é uma tendência em grande parte das dioceses do país e da Europa. A quebra começou a verificar-se com a massificação do ensino público obrigatório, a que se juntaram outros fatores como a diminuição da percentagem da população mais jovem.

Este novo contexto tem levado a Igreja a repensar os seminários, adaptando-os às novas circunstâncias e à necessidade de se formarem pastores para este tempo. Por outro lado, importa ter presente que muitos dos que chegam aos seminários são jovens e adultos provenientes das comunidades cristãs, movimentos, universidades e outros novos lugares onde descobriram o chamamento ao sacerdócio.

Nesta fase de renovação será dado, na diocese, um novo impulso à pastoral vocacional, envolvendo famílias, paróquias, grupos e movimentos, escolas e outros âmbitos formativos para que ajudem os jovens a colocar a questão da vocação – de todas as vocações em geral e da vocação sacerdotal em concreto. Foi já reforçada a estrutura do Pré-seminário para o tornar mais apto a ir ao encontro dos mais jovens nos vários pontos da diocese, despertando-os para o tema da vocação, e com maior disponibilidade para um acompanhamento pessoal dos que manifestarem sinais promissores de vocação.

Seminário: uma casa com passado e com futuro

Uma das consequências do novo contexto é o destino a dar aos edifícios, construídos num tempo em que os seminários eram frequentados por centenas de alunos. As dioceses ou congregações religiosas têm procurado encontrar as soluções possíveis e variadas.

No caso de Vila Real, a reflexão sobre o edifício do seminário tem alguns anos. Uma nota publicada em 21 de novembro de 2023, informava que: «foi assinado um contrato de cedência de parte das instalações do imóvel do seminário para utilização para fins turísticos». Isto significa que a diocese não vendeu o imóvel do seminário mas cedeu uma parte por um prazo de 30 anos, findo o qual ele poderá voltar à sua plena posse.

Esta solução garante que o seminário continuará a funcionar numa parte do edifício, (ala sul) onde haverá instalações renovadas para seminaristas e formadores. Nessa ala permanecerão as valências até agora aí instaladas, como os Secretariados Diocesanos e o Centro Católico de Cultura. Ou seja, a par do Hotel e da zona arrendada à empresa Águas do Norte, a diocese continuará a utilizar uma área do edifício aproximada àquela que agora usa.

No processo de decisão foram auscultados vários organismos diocesanos (conselho de pastoral, conselho presbiteral, conselho económico). Foi ainda realizada uma consulta pessoal ao clero e, na fase final, foi obtida a necessária aprovação da Santa Sé.

Esta opção garante que o edifício, permanecendo propriedade da diocese, seja reabilitado, rentabilizado e plenamente usado. De outra forma, a alternativa mais provável seria prosseguir na via do subaproveitamento e degradação do imóvel. A solução encontrada, salvaguardando os interesses da Igreja diocesana, é também muito benéfica para a cidade e para toda a região.

Assembleia Geral

Presidente - José Augusto Branco (1967/1968)
Secretário - Valentim Fernandes Santos (1972/1973);
Vogal - Luís Pedro Ribeiro Gomes (1984/1985).

Direção

Presidente - Domingos F.Vilela Costa (1972/1973)
Secretário - Joaquim Ribeiro Aires (1960/1961);
Tesoureiro - Fernando José Casinhas Capelas (1985/1986)
Vogais - José Manuel Silva Moura (1962/1963);
António Maria Dias Cascais. - (1965/1966)

Conselho Fiscal

Presidente - António Mota Dinis do Vale (1955/1956);
Secretário - António Barreira (1973/1974).



SÓCIOS FUNDADORES

Abel Silveira Montenegro
António Alves da Silva
António A. Saavedra Costa
António Francisco Dias Vieira
António J. Magalhães Cabral
António Mota Dinis do Vale
Ernesto Andrade Costa
José Augusto Macieirinha
José Joaquim Medeiros Moura
Manuel Lopes dos Prazeres
Mateus Carlos Teixeira Alves

ADESÃO À UASP

A Associação dos Antigos Alunos do Seminário de Vila Real aderiu, em Leiria, no dia 17 de Setembro de 2011, à União das Associações dos Seminários Portugueses.

**Historietas do Seminário de Vila Real
(As quintas-feiras desportivas)**

Num texto publicado no Boletim de Maio de 2015, escrevemos que «O nosso Seminário foi, no século XX, uma escola de formação completa, abrangendo, além da formação religiosa, as várias áreas da cultura: o estudo clássico, em que os alunos adquiriam uma robusta cultura geral, mais profunda nas humanidades, aprenderam música e teatro e praticavam desporto. A partir do final da década de setenta foi relevante a preocupação com a preparação física dos alunos, que teve como consequência a generalizada prática desportiva, destacando-se o futebol, por influência marcante do excelente atleta e talentoso futebolista que foi o Senhor Dr. Barroso Magalhães.»

O Seminário instituiu a “tarde desportiva” às quintas-feiras, dia em que, se não chovesse, os alunos do terceiro ao sétimo ano “saíam à rua”, para jogar futebol num campo dos arredores da cidade. A partida era às 14 e o regresso às 17 horas, momento em que chegávamos famintos para degustar a frugal merenda: um pão com queijo ou marmelada. No princípio do Outono era servida também uma maçã, fruta que abundava na quinta do Seminário.

O aquecimento era feito com a caminhada do percurso, sempre a “passo de contrabandista”, bem acelerado, de modo a permitir a alguns entrada numa taberna para comprar rebuçados com “cromos da bola” ou matar a sede com uma laranjada.

O primeiro campo, na minha memória, situava-se em Lordelo, no interior de um pinhal, bem próximo da encruzilhada onde existe um nicho das “Alminhas do Purgatório”. Esse espaço integra hoje o Hospital.

As equipas eram formadas por alunos de diferentes idades, alguns frágeis outros robustos atletas. Na época havia dois valentões, com remate forte: o Carneiro, com a alcunha de “Gorito”, natural de Chaves, e o Fernando Ventura, residente na “Ilha Brava”, para os lados da Timpeira. Este último tinha a força de um touro. Num treino em Lordelo, num livre marcado pelo Ventura, levei um tiro na cabeça que me fez cair por terra e me deixou atordado, a ver estrelinhas alguns minutos.

Aliviou-me a dor, no regresso ao Seminário, ouvir o grito de “gooolo do Benfica”, vindo do interior de uma tasca que existia na calçada ingre-me que subíamos para a cidade, marcado pelo Simões, no último minuto do jogo, que o Porto perdeu 3-2.

Por pouco tempo, os treinos realizaram-se no “campo de tiro”, em Borbela, e no em Abambres. Durante vários anos atravessámos a ponte da estação, subimos de Arroios para Constantim, e aqui treinámos num pelado argiloso. As bolas e o treinador viajavam de carro.

As quintas-feiras eram também aproveitadas pelos senhores prefeitos para fazerem visitas aos quartos, na ausência dos alunos.

Numa dessas tardes desportivas, era eu aluno do quinto ano, depois da merenda, fui abordado pelo saudoso Dr. Selas, que me convidou a ir ao seu escritório e ali me disse: «No teu quarto, dentro de um sapato, estava escondido este maço de tabaco. Sei que não é teu. Diz a quem pertence.»

Fiquei surpreendido e perplexo: eu não sabia quem tinha escolhido o meu sapato como custódia do “Português Suave” que o senhor Vice-Reitor me exibiu!

Tranquilizado pela confiança transmitida, disse: não é meu e não sei a quem pertence.

O meu quarto era o segundo da ala norte, voltada para o jardim interior. À minha esquerda ficava o Amílcar Sequeira e à direita o Pereira Alves. Depois do jantar, a caminho da capela para rezar “Laudes”, dei-lhes notícia do resultado da inspeção ao meu quarto e do inquérito que se anunciava.

No dia seguinte, na primeira aula da manhã, o Dr. Selas instou a turma inteira, apelando ao “delinquente” que se revelasse para que não sofresse consequências um colega “inocente”.

De imediato levantou-se o meu amigo Guilherme Ribeiro e disse: “O tabaco é meu. O Branco não sabia”.

O Guilherme, natural de Barreiro, freguesia de Louredo, Santa Marta, foi um amigo enquanto convivemos no Seminário. Saiu no final desse ano letivo, não sei se por decisão própria se por aconselhamento superior.

Era muito nervoso, a ponto de ficar colérico em reação a uma simples canelada que acidentalmente sofresse numa jogada mais disputada. Era um poeta, que facilmente compunha quadras e urdia prosa poética. Sentia-se incompreendido e a sua vida no Seminário não foi fácil nem alegre. Foi sempre muito leal e solidário com os colegas, reivindicativo e corajoso perante os superiores.

Soube da sua partida precoce, com pouco mais de trinta anos, através do nosso saudoso Anselmo Ferreira, seu conterrâneo. Este colega, ao invés do Guilherme, viveu no seminário irradiando alegria, sempre sorridente e feliz.

O Anselmo era assíduo nos nossos encontros anuais, que saboreava com a alegria e o bom humor que o caracterizavam. Ostentava com orgulho a sua condição de ex-aluno do Seminário de Vila Real. Presto homenagem à memória dos saudosos amigos Guilherme e Anselmo. Que desfrutem da PAZ que os justos merecem.

José Augusto Branco